

Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique

Foreignness and borrowings in the Portuguese spoken in Mozambique

Alexandre António Timbane

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP – Araraquara)

Resumo: Este trabalho é uma reflexão sobre a situação do português em Moçambique, especialmente na questão da variação e mudança linguística que se processa a partir de estrangeirismos e empréstimos. O português convive com mais de vinte línguas banto e duas asiáticas, o que permite contato entre elas. O português é língua oficial e não é materna para a maioria dos moçambicanos. Assim, pretendemos identificar e apresentar os estrangeirismos e empréstimos fenômeno que se verifica mais nos mídias. Descreveremos a integração dessas "novas" palavras no português moçambicano bem como o seu valor semântico. O corpus é composto por 27 cartas de opinião recolhidas no jornal "Notícias", em 2010 e 2011, o qual foi inserido no programa *Lexico-3*. Da pesquisa, se concluiu que a maior parte dos empréstimos e estrangeirismos provém das línguas banto bem como do inglês. A integração dessas palavras segue as regras gramaticais do português, havendo dificuldades em muitos casos, na transformação da ortografia das línguas banto para português. Os estrangeirismos ainda são alvos de preconceito, principalmente no meio escolar, mas as mudanças linguísticas são fenômenos naturais das línguas e ninguém os pode impedir de existir.

Palavras-chave: Estrangeirismos. Empréstimos. Português moçambicano.

Abstract: This work is a reflection about the situation of Portuguese in Mozambique, especially in the matter of "linguistic variation and change" that is processed through of foreignness and borrowings. The Portuguese lives with more than twenty bantu languages, including two of Asians languages, which allows contact between them. Portuguese is the official language and is not native for the most of mozambicans. Therefore, we intend to identify and present the foreignness and borrowings phenomenon found the most in media. We will describe the integration of these "new" words in mozambican portuguese as well as its semantic value. The corpus consists of 27 letters of opinion gathered in the newspaper "Notícias" in 2010 and 2011, which was inserted into the program *Lexico-3*. From this research, it appears that most of the loans and foreign words come from the bantu languages as well as English. The integration of these words follows the rules of portuguese grammar, having difficulties in many cases, in the transformation of the alphabet of the bantu languages to portuguese. The foreignness are still targets of prejudice, especially in school but the linguistics changes are natural phenomena of languages and there is no one can stop it.

Keywords: Foreignness. Borrowing. Mozambican portuguese.

Introdução

Moçambique é um país multilíngue. O português é a língua oficial, não sendo materna para a maioria da população. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2007), o país possui 38,7% da população escolarizada. A maioria da população (71,4%) vive nas zonas rurais e usa as línguas bantu na comunicação cotidiana. O português é falado especialmente por pessoas escolarizadas ou por aquelas que vivem nas capitais das províncias, em sua maioria. O português tem a estatuto político mais privilegiado porque os artigos 9.º e 10.º da *Constituição da República de Moçambique* (2004) determina o português como oficial. Para além das línguas bantu também se fala duas línguas asiáticas (**urdu** e o **gujarati**) graças à comunidade asiática radicada em Moçambique. Num país multilíngue como é o caso de Moçambique acontece o contato linguístico que, de certo modo, pode provocar fenômenos de variação e mudanças linguísticas.

O tema que vamos desenvolver, *Os estrangeirismos e empréstimos no português falado em Moçambique*, pode até parecer banal, mas entendemos que os estrangeirismos diferem de uma comunidade linguística para outra, por isso há necessidade de tratar este fenômeno em contexto moçambicano. As evidências mostram que os empréstimos e os estrangeirismos do Brasil, por exemplo, são diferentes em Portugal e em Angola, em Cabo Verde, na Guiné-Bissau, em Moçambique ou em São Tomé e Príncipe.

Este trabalho visa discutir e descrever os fenômenos de empréstimos e estrangeirismos no português falado em Moçambique e sustentar o pressuposto de que as línguas mudam com o tempo e que o português não é exceção. Visa mostrar a necessidade de se criar e usar dicionários de moçambicanismos em sala de aulas, uma vez que estes fenômenos ocorrem na literatura moçambicana.

1 Os estrangeirismos e os empréstimos

As línguas mudam com o tempo. Os contextos sociais, econômicos, políticos e culturais muitas vezes influenciam nas mudanças e variações linguísticas. Num primeiro passo, isso afeta o léxico das línguas. As mudanças podem afetar os aspectos fonéticos, lexicais, morfo-sintáticos e semânticos. As mudanças podem provir de neologismos, estrangeirismos e empréstimos. O estudo destes três conceitos é vasto daí a necessidade de um espaço próprio. Assim, delimitamos o nosso estudo nos estrangeirismos e nos empréstimos, deixando os neologismos para um futuro trabalho.

1.1 Os estrangeirismos: conceitos e debates

A noção de estrangeirismos tem sido tema de debate entre linguistas. Opiniões divergem quanto à definição de conceitos-chave. Mas na verdade, está-se falando do mesmo fenômeno linguístico. Romaine (1995, p. 51) designa por interferência e outros linguistas denominam “anglicismos, anglo-americanismos, barbarismos” (SEQUEIRA, 1962), africanismos (BONVINI, 2004, p. 53), xenismo (GUILBERT, 1975, p. 92), galicismos, latinismos, italianismos, perigrinismos, estrangeirices, britanisms entre outras designações.

Segundo Freitas, Ramilo e Soalheiro (2005, p. 37), **estrangeirismos** “são palavras provenientes de línguas estrangeiras¹ que não estão integradas no léxico do português, sendo empregues na nossa língua”. Segundo os mesmos autores, **empréstimo** é usado para designar não só as palavras estrangeiras mas também o processo de passagem de uma língua para a outra.

Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. Nota-se também que Garcez e Zilles (2001, p. 15), Perini (2004, p. 11-16), Bonvini (2004, p. 53-59) não fazem distinção clara entre estrangeirismos e empréstimos. Outro linguista que merece ser citado nesta procura de conceitos é Rajagopalan (2004, p. 11-38), que evita claramente os conceitos aqui apresentados. O autor usa o termo “invasão linguística” e em alguma parte ainda utiliza o termo “chauvinismo”². Esta última definição é um pouco preconceituosa segundo o nosso entendimento. É importante remarcar a sua colocação porque evita de qualquer jeito o uso das palavras: estrangeirismos, empréstimos ou neologismos, embora falando destes mesmos fenômenos.

Mas como queremos, de fato, deixar claros os conceitos com os quais lidamos, apresentamos as definições de Gonçalves; Ferreira; Cunha (2011, p. 2-4), que nos parecem mais adequados ao nosso trabalho:

Em primeiro lugar, temos o **estrangeirismo**, que vem a ser o emprego de palavras que se originam de outra língua estrangeira e não possuem uma palavra correspondente a ela na nossa língua, apontadas em nossas normas gramaticais como um *vicio de linguagem*, e que sua pronúncia e escrita não sofre qualquer alteração.

No segundo caso, o **empréstimo** (galicismo, anglicismo, etc.), a própria nomenclatura deixa clara a função das palavras, que sofre pouca modificação e passa a fazer parte do léxico, sendo

¹ Não entendamos estrangeiro como algo que está fora do país. Referimo-nos algo que está fora da língua. Porque em Moçambique há estrangeirismos entre línguas bantu faladas no espaço geográfico de Moçambique. Por exemplo, no xichangana há empréstimos vindos da língua xitswa ou gitonga.

² Chauvinismo ou chovinismo (do **francês**, *chauvinisme*) é o termo dado a todo tipo de opinião exacerbada, tendenciosa, ou agressiva em favor de um país, grupo ou ideia.

que todas elas hoje classificadas como empréstimo foi um dia estrangeirismo.

Sendo assim, entendemos por estrangeirismo uma palavra de uma língua “A” que é usada na língua “B” em que pelo menos uma das suas características de origem não foram desvirtuadas, nomeadamente em nível fonológico, semântico ou ortográfico. No caso de países plurilingues, (como é o caso de Moçambique) o estrangeirismo pode vir de várias línguas existentes no território. É comum que os traços dessas línguas possam se manifestar no português, nem que seja em uma percentagem menor. Peguemos, então, alguns exemplos³ de estrangeirismos provenientes da língua xichangana para o português em Moçambique:

Matorritorri: *doce feito de coco e açúcar com forma rectangular, quadrangular ou losangular.* (p. 156)

Tchovaxitaduma: *veículo usado para o transporte de carga, constituído por uma carroça, com duas rodas, que é puxada pelo homem.*(p. 222)

Matapa: *preparação culinária feita a partir de folhas de mandioca com amendoim.* (p. 154)

Matequenha: *bicho de pé, nigua, pequeno insecto semelhante a pulga, próprio de regiões quentes, cuja fêmea põe ovos na pele de homens e de outros animais.*(p. 155)

Timbila: *xilofone* (p.224)

Khanimambo: *obrigado* (p. 125)

Tontonton: *aguardente de fabrico caseiro* (p. 226)

Cada comunidade linguística falante de português tem os seus empréstimos e estrangeirismos. Este fenómeno resulta no contato que cada grupo linguístico tem com outras línguas ao seu redor. Vejamos outros exemplos que ocorrem no português brasileiro: *pendrive, delivery, cheeseburger, show, shopping, HD*⁴ (provém do inglês **hard disk**), *bullying, short, time, dread* (provém do inglês **dreadlocks**), *penalty, placard* (provém do francês, **placard**), *slogan* e *reality-show*.

1.1.1 Processos de integração de estrangeirismos

Alguns estrangeirismos, logo que entram na língua, conseguem manter suas características de proveniência, mas outros mudam transformando-se em empréstimos. Vejamos as fases dessas transformações. A transformação lexical

³ Exemplos extraídos do “Minidicionário de moçambicanismos” (DIAS, 2002).

⁴ Também significa *high definition* (alta definição).

segue três fases:

Na primeira fase, há adaptação fonética imediata, adaptação morfo-sintática imediata. Monossemia: manutenção de um dos significados da língua de origem, grafia da língua de origem e por fim hesitação nos tipos gráficos. Na segunda fase, há aprofundamento da adaptação fonética e morfo-sintática, possibilidade de formação de novas palavras por composição e prefixação tendo como base estrangeirismo, aparecimento de formas gráficas em alternativa às da língua de origem. Finalmente, na terceira fase, há estabilização fonológica: fixação do acento. Plena integração morfo-sintática: fixação do gênero e das formas de singular e plural. integração no sistema morfológico da língua: possibilidade de derivação, polissemia: tendência para a extensão do significado de forma original. (FREITAS; RAMILO; SOALHEIRO, 2005, p. 37-49)

É importante sublinhar que as transformações fonéticas e ortográficas fazem com que haja passagem de estrangeirismo para empréstimo. Passemos agora ao conceito de empréstimo.

1.2 Desconfigurando a noção empréstimos

Alguns analistas da língua costumam dar pouca importância à diferença dos conceitos entre empréstimos e estrangeirismos. Neste trabalho, preferimos demarcar com mais visibilidade o nosso interesse, indicando o que entendemos por empréstimos linguísticos. Entende-se por empréstimo a transformação de uma palavra estrangeira para se adaptar à realidade de uma nova língua. Assim,

Se adotarmos **start**, logo teremos **estartar** (e todas as suas flexões), pois nossa língua não tem sílabas como **st-**, que imediatamente se tornam **est-**. Veja bem: não só acrescenta uma vogal, mas ela será um **e** – em algumas regiões, um **i**, por razões de pronúncia, não de estrutura – que é nossa vogal protética e epentética. A forma nunca será *startar*, nem *ostartar* ou *ustartar*, nem *estarter* ou *estartir*, nem *printer* ou *printir*, nem *atacher* ou *atachir* etc, etc, etc. Isso é que é aportuguesar, e não providenciar uma ortografia para a palavra. (POSSENTI, 2002, p. 172)

A palavra **start** é estrangeirismo e a palavra **estartar** é empréstimo. Reparemos que esta última está modificada e segue as normas do português. Já foi enquadrada aos verbos da primeira conjugação: eu estarto/ eu estartei/ eu

estartava/eu estartarei/ eu estartara/ eu tinha estartado, etc. Vejamos outros exemplos de empréstimos encontrados no dicionário de moçambicanismos. São palavras vindas de línguas moçambicanas na sua maioria:

patchar: evocar espírito dos antepassados (provém de xichangana, *ku patcha*)

tchovar: empurrar (provém de xichangana *ku tchova*)

bula-bular: conversar (provém de xichangana; *ku bula*)

guadjissar: roubar, furtar (provém de xichangana; *ku guadjissa*)

timbileiro: aquele que toca *timbila* (provém de xichangana); *mbila* é instrumento musical: xilofone (plural *timbila*)

Entendemos por empréstimos, palavras que já foram estrangeirismos e que ao longo do tempo se solidificaram na língua e sofreram transformações a nível fonético ou ortográfico. Ao nosso ver, seriam aquelas palavras que por tanta necessidade de serem usadas por falantes de uma determinada língua, assimilaram na escrita e na fonética. Estas “novas” palavras quando chegam na língua alvo (neste caso, no português) incorporam e usam as regras gramaticais. Assim, a palavra **tchova** é estrangeirismo enquanto que **tchovar** é empréstimo pois assimilou as regras do português. Assim, diremos: *eu tchovo*, *eu tchovei*, *eu tchoverei*, *eu tchovia* e assim sucessivamente. Este é o português moçambicano. Este verbo não existe em nenhum outro país da Comunidade de Países da Língua Portuguesa (CPLP).

1.2.1 Razões da inserção de empréstimos e estrangeirismos numa língua

Falando das causas dos empréstimos/estrangeirismos lexicais no Português de Moçambique, Dias (1991) considera dois motivos fundamentais: empréstimos lexicais como estratégias de comunicação e estrangeirismos lexicais como estratégias de identificação.

a) Empréstimos lexicais como estratégias de comunicação

Ocorrem quando os falantes recorrem aos termos da língua materna para preencherem lacunas na língua portuguesa de certas realidades, tipicamente moçambicanas, como por exemplo, nomes de frutos, flores, animais, comidas e certas cerimónias. De acordo com a autora, parece não haver muita preocupação em procurar uma expressão equivalente em Português; nem sequer se preocupa em criar uma nova palavra que se ajuste ao sistema morfo-fonológico português.

Ainda na esteira de Dias (1991), estes empréstimos ocorrem para preencherem lacunas no conhecimento da língua portuguesa, motivadas pelo fraco

domínio da língua. Essa situação faz com que o falante, não encontrando o item sintático-semântico pretendido e tendo acesso ao léxico da língua materna, recorra então ao empréstimo. Ainda de acordo com a autora, “a outra estratégia alternativa usada nestes momentos de dificuldade é abortar a estrutura usando uma estratégia de evitação.”

Este tipo de empréstimo é característico de qualquer aprendente de uma segunda língua ou língua estrangeira, podendo ocorrer tanto em crianças como em adultos (uma vez que tais empréstimos, regra geral, pertencem à interlinguagem, e são susceptíveis de substituição à medida que o aprendente progride na aprendizagem da nova língua).

b) Estrangeirismos lexicais como estratégias de identificação

Os falantes bilíngues (Português / Línguas Moçambicanas), no uso da língua portuguesa, utilizam estrangeirismos das suas línguas maternas. Esta situação tem a ver com o fato de a língua portuguesa ser oficial e ser a mais prestigiada na sociedade relativamente às línguas moçambicanas. Esta situação parece provocar no falante bilíngue uma vontade subconsciente de unir os dois códigos. Ele não se sente bem na situação de prestigiar uma língua europeia em detrimento da sua região, dos seus avós, dos seus pais enfim, da sua cultura e identidade. Vejamos dois exemplos:

Exemplo 1: *Khanimambo* pela vossa presença.

“*Obrigada* pela vossa presença”

Exemplo 2: O próximo espetáculo será *mahala*

“*O próximo espetáculo será gratuito*”

“Khanimambo” e “mahana” são palavras oriundas da língua xichangana.

Appel e Muysken (1996, p. 247) apresentam seis determinantes sociais e culturais que originam os empréstimos/estrangeirismos:

a) Influência cultural, isto é, empréstimos culturais que surgem não do contato de línguas distintas num mesmo espaço, mas sim de intercâmbios culturais.

b) Existência de palavras nativas raras que se perdem.

c) Existência de duas palavras nativas que se pronunciam ou soam de forma tão similar que a substituição de uma delas por uma palavra estrangeira resolveria possíveis ambiguidades.

d) Necessidade constante de sinônimos de palavras afetivas que perderam a sua força expressiva.

e) Necessidade de estabelecer novas distinções semânticas por meio de

empréstimos, como por exemplo, a possibilidade de tomar uma palavra de uma língua de estatuto baixo e usá-la pejorativamente.

f) Introdução de palavras emprestadas de forma quase inconsciente por causa de um bilinguismo intenso, que faz com que, nalguns casos, seja usado na escrita sem a marca de estrangeirismo.

Vilela (1994), relativamente às causas que originam empréstimos/estrangeirismos, refere-se a três situações que se manifestam no uso da língua e que implicam, quase forçosamente, o uso de empréstimos:

- a urgência em serem satisfeitas as necessidades de comunicação e expressão dos falantes;
- a exigência em configurar o que de novo surge na comunidade;
- a necessidade em manter a sistematicidade da língua.

Às razões apontadas por estes autores (VILELA; APELL; MYSKEN, 1994, 1996), podemos ainda acrescentar duas motivações:

- A **primeira**, tem a ver com o prestígio de que goza a língua “A” em relação à língua nativa do falante. Motivada pelo prestígio, uma palavra será utilizada, como empréstimo, da língua “A” pela língua “B”, não porque a palavra emprestada tenha falta de equivalente na língua “B”, mas porque os falantes de “B” consideram língua “A” como tendo maior estatuto e prestígio.
- A **segunda**, prende-se com a necessidade de manifestar a solidariedade social entre pessoas de classes sociais diferentes como forma de identidade entre ambas as classes.

Face a esta diversidade de funções, os empréstimos são designados de formas diferentes tendo em conta a sua origem, função assim como a forma como se integram na nova língua.

1.2.2 Estrangeirismos quanto à sua função: necessários e de luxo

De acordo com Vilela (1994), os *empréstimos necessários* configuram conceitos a que não corresponde qualquer palavra existente na língua e designam objetos desconhecidos na língua, ou melhor, são palavras que designam realidades não nomeadas num estado anterior da língua. O mesmo se passa com os estrangeirismos.

As comunidades necessitam constantemente de receber estrangeirismos, pois

elas não se bastam a si próprias, não dão conta das necessidades comunicativas da comunidade, uma vez que estão constantemente em intercâmbio/contato com outras comunidades.

(a) **jazz**: música moderna de origem negro-americana caracterizada pelo improvisado e pelas sonoridades e ritmos sincopados, basicamente extraídos do ragtime e do blues.

(b) **miss**: primeira colocada num concurso que elege a jovem mais bonita de um lugar ou a que obteve a preferência da maioria dos julgadores, com relação a outras qualidades

(c) **doping**: substância química que se dá a um cavalo para estimular o seu desempenho; substância química que se ministra ilicitamente a um atleta, afim de alterar-lhe por momentos o condicionamento físico, aumento-lhe a resistência e o desempenho muscular.

No português moçambicano, por exemplo, há muitos estrangeirismos necessários, principalmente vindos das línguas bantu:

(d) **Gwaza-muthini**: ritual comemorações efetuadas em fevereiro, que marcam a abertura da época de canhu⁵ e recordam a batalha ganha aos portugueses durante a época da colonização.

(e) **Kwassa-kwassa**: dança originária da República Democrática de Congo, caracterizada por ser sensual e exigir mais esforço na cintura.

(f) **Xiguinha**: tipo de prato feito a base de mandioca, *cacana* e amendoim; prato característico no sul de Moçambique.

(g) **Xigovia**: tipo de instrumento musical feito a partir de fruto de *massala* ou de *ncuácuá*. *Massala* e *ncuácuá* são plantas silvestres que dão frutos redondos, cheios de sementes muito duras e que quando maduras ficam com cor amarela.

(h) **Tchuva**: jogo praticado com pedras em pequenas covas feitas no chão.

Vilela (1994) considera *empréstimos/estrangeirismos de luxo* aqueles que recobrem conteúdos para os quais a língua importadora possui termos para referir tais realidades. Mas, apesar de existirem na língua unidades lexicais para referir tais conceitos, os falantes optam, normalmente, por termos estrangeiros pelo prestígio que a língua importadora possui.

Nota-se também que os falantes, na sua maioria, recorrem muitas vezes aos empréstimos do inglês pelo prestígio que esta língua goza – a língua inglesa funciona como língua franca em quase todo o mundo. Vejamos alguns exemplos deste

⁵ Fruto de uma planta de porte médio (*nkanyi*) do qual se faz uma bebida tradicional (*ucanyi*) bebida gratuitamente em várias etnias do sul de Moçambique. A época do consumo desta bebida é geralmente inaugurada pelas autoridades locais, acompanhada de bebida e danças tradicionais. É considerada patrimônio gastronômico e cultural moçambicano. Canhu é empréstimo de “*ucanyi*”.

fenômeno:

(a) *file* / ficheiro/arquivo (b) *marketing* / comercialização

(c) *fashion* / moda (d) *e-mail* / correio eletrônico

(e) *show* / espetáculo (musical, humorístico)

(f) *AIDS* (acquired immunodeficiency syndrome)/ SIDA (síndrome da imunodeficiência adquirida).

1.2.3 Integração de “novas” palavras na língua

A integração dos estrangeirismos na nova língua pode ser feita por três vias ou processos: decalque, adaptação, incorporação.

a) Decalque ou empréstimo semântico – trata-se de um empréstimo meramente conceptual que consiste na mudança semântica de uma palavra, de uma dada língua por influência de uma palavra estrangeira cujo significado adquire. Este surge quando a uma palavra existente se acrescenta um sentido novo, embora esta conserve o sentido anterior.

Por exemplo, a palavra *chapa* no Português brasileiro significa “qualquer peça plana, mais ou menos espessa, feita de material rígido ou resistente (metal, madeira, vidro, etc.); lâmina, placa; licenciamento do veículo⁶.” Mas atualmente este mesmo vocábulo significa “remendo que se coloca na roupa; veículo automóvel para transporte semi-colectivo de passageiros” (DIAS, 2002, p. 82).

b) Adaptações ou empréstimos lexicais– os empréstimos adaptam-se à língua receptora de tal modo que quase não percebemos que vieram de uma outra língua. Aqui o elemento lexical é traduzido literalmente, produzindo um novo sintagma que, de início, causa estranheza porque possivelmente não se formaria assim na língua, não fosse a imitação do empréstimo.

- O léxico proveniente das línguas bantu⁷:

(1) *kanganhiçar*: fazer confusão; aldrabar.

(2) *magussarinho*: planta trepadeira que dá o magussarinho; legume comestível de forma alongada com interior esponjoso.

(3) *timbileiro*: aquele que toca timbila

- Adaptações provenientes do inglês:

(4) futebol (*football*);

(5) bipar (*beep*);

⁶ Dicionário Electrónico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0.

⁷ Palavras consultadas no Minidicionário de moçambicanismos.

(6) deletar (*delete*).

2. Noção de moçambicanismos e debates recentes

Segundo Dias (2002, p. 20), denomina-se de moçambicanismos “todas as palavras (neologismos, empréstimos) que são mais tipicamente usadas em Moçambique e que mostram e particularizam a regionalização léxico-semântica do português em Moçambique.” A definição de Dias é incompleta pois ao nosso ver deve-se acrescentar os estrangeirismos. Essas palavras, resultam do contato que o português tem/teve com as línguas africanas ao longo da colonização e pós-independência.

As condições sociais, culturais, o nível de escolaridade são algumas das variáveis que participam neste comportamento linguístico. Partindo do princípio de que a língua muda com o tempo, é importante mostrarmos que as mudanças sempre ocorrem em primeira instância a nível lexical. Estudos sociolinguísticos mostram que a gramática é a última a ser afetada pela variação. Moçambicanismos são

indícios claros de afirmação de norma própria: na maneira original como adota o seu vocabulário de origem bantu ao sistema português divergindo inclusivamente da norma europeia (lusitana), no modo como simplifica a morfologia flexional do português, como começa a optar pela ordenação dos elementos frásicos na sequência discursiva e, sobretudo, como força o léxico do português a adaptar-se à mentalidade africana, tanto nos semas inerentes como semas classemáticos: o que implica, por vezes, uma reformulação do esquema frásico em alguns dos seus modelos proposicionais. (VILELA, 1995, p. 68)

Os moçambicanismos têm características próprias, específicas que criam uma diferença notável a nível fonético, semântico, lexical e morfo-sintático. As línguas naturais constituem configurações que mudam lentamente, moldadas pelo curso invisível e impessoal que é a vida da língua. Este fenômeno que pressupõe apropriação, recriação e enriquecimento da língua portuguesa por falantes moçambicanos, adaptando-a ao seu contexto sócio-cultural, segundo Dias (2002), constitui a **Moçambicanização** da língua. Em Moçambique, os linguistas se dividem em duas opiniões distintas, segundo Dias (2009b, p. 390):

Opinião 1: Um grupo que defende a oficialização imediata das mudanças em curso e adoção de uma língua portuguesa moçambicana nos órgãos oficiais, na escola e nos meios de comunicação de massas. Este grupo é, muitas vezes, movido

por sentimentos de nacionalismo, lealdade, orgulho e emancipação linguística.

Opinião 2: Outro grupo que afirma não existir uma língua portuguesa moçambicana e que há apenas uma variedade moçambicana em formação, pois não existem dados suficientes que permitam padronização de uma variedade moçambicana da língua portuguesa. Tais estudiosos defendem que as diferenças linguísticas, sincronicamente observáveis, não constituem verdadeiras mudanças linguísticas, pois estão sujeitas a muita variação e flutuação.

Se o português falado atualmente não foi o mesmo falado nos séculos passados em Portugal, por que o de Moçambique deve permanecer estático, imutável e sólido? Apoiamos primeira opinião, pois as mudanças nunca avisam nem alertam aos seus falantes. Estamos falando do “dinamismo das línguas”. “As mudanças se processam de forma gradual em várias dimensões, de forma silenciosa, atacando a parte lexical, passando pelo fonético, morfosintático até ao semântico.” (NARO, 2004, p. 43).

Para Naro, “a mudança linguística não é absolutamente mecânica regular a curto prazo.”. É por isso que os que apoiam a segunda opinião não se apercebem destas mudanças a que nos referimos: as variáveis sociais (idade, sexo, nível de escolaridade, grupo social) e as variáveis linguísticas. Cidadãos movidos pelo espírito de identidade, de afirmação e defesa do bem comum que é a língua têm recusado a existência de moçambicanismos. Várias críticas relacionadas aos estrangeirismos têm aparecido um pouco por todo lugar, principalmente nos meios de comunicação social. Leonel Magaia, jornalista do jornal “Notícias” reage às mudanças linguísticas dizendo:

Os efeitos da globalização são aterradores. Sobretudo numa sociedade como a nossa, que não tem criadas estratégias de filtragem, o chamado efeito peneira, dos efeitos nefastos e perniciosos, preferindo-os aos socialmente benéficos e sadios. Vai daí que temos uma sociedade a caminhar célere para a desestruturação, que se reflecte na evidente falta de identidade dos moçambicanos. Infelizmente, importamos construções alheias e forçamos a sua incorporação na nossa sociedade. Entendemos que o melhor vem de fora. Abrimos um boteco qualquer de venda de bugigangas e damos-lhe o pomposo nome de *souvenir`'s place*.⁸

Magaia recusa qualquer tipo de estrangeirismo no português falado em

⁸ Disponível em:

<<http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/getxml/pt/contentx/1170815/20110127>>. Acesso em: 14 maio 2011.

Moçambique, considerando uma “britanização” desnecessária. Para Magaia estas “estrangeirices” empobrecem a língua, levam-nos para uma aculturação que provoca efeitos nefastos sobretudo na desestruturação linguística e identitária dos moçambicanos. A preocupação que o Magaia tem com a língua faz com que ele considere que há uma “fossilização do léxico nacional” pois algumas vezes este léxico tem sido usado em textos administrativos e protocolares.

Ora, a preocupação de Magaia é equiparada à do deputado Aldo Rebelo, no que toca ao projeto de lei 1.676/99. Acreditamos que as línguas não podem ser controladas por meio de leis. Ninguém foi preso, julgado e condenado por ter pronunciado/escrito um estrangeirismo sequer. Vale apenas mostrar o artigo 4.º, que diz o seguinte: “Todo e qualquer uso de palavra ou expressão e língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei a sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei”. Concluindo o debate, é importante saber que a língua não é propriedade individual. É do coletivo. Quem incorpora “novas palavras” é o povo. Não é vontade de individualidades. Assim, mesmo que fiquemos tristes com mudanças linguísticas, mesmo que promulguemos leis defensoras não adiantará em nada. Esses fenômenos linguísticos atendem as necessidades comunicativas dos falantes (usuários).

3 Corpus

Em todo mundo, a mídia tem desempenhado um papel importante na difusão e expansão da língua. No mundo agitado e globalizado é quase impossível se abster dos serviços prestados pela mídia. Segundo Neves (2003, p. 519), mídia “designa o conjunto de meios de comunicação. É uma forma portuguesa correspondente ao inglês *mass media*, que por sua vez, representa o plural neutro do substantivo latino *medium*, que significa meio.” No entanto, constitui *mass media*: o jornal, a rádio, a televisão, a internet, a revista, entre outras formas de comunicação.

A mídia moçambicana não fica alheia a estas mudanças. Muitas vezes, a inclusão de estrangeirismos tem como objetivo aproximar o leitor à sua realidade. Em outros casos é a inexistência do equivalente em português. Outras vezes ainda é por questão de estilo. Todas estas características podem ser observadas em todas as mídias sem exceção.

O *corpus* para este trabalho foi recolhido no “Jornal Notícias”, o maior jornal público em Moçambique. Foram selecionadas 27 cartas de opinião em 2010-2011. As cartas selecionadas são de cidadãos de ambos os sexos, com nível de escolaridade básico completo. Todas as cartas foram escritas em português e selecionadas na página (*site*) do jornal *online*. Os temas tratados nas cartas são variados, desde temas da política, da economia, da cultura, saúde entre outros. Assim, os textos foram preparados e inseridos (formato .txt) no programa *Léxico-3*, com o qual pudemos analisar a frequência do léxico. A nossa especial atenção esteve concentrada nos empréstimos e estrangeirismos nas cartas.

3.1 Apresentação e discussão dos dados

3.1.1 Os estrangeirismos vindos de inglês

Para ilustrar a intervenção dos estrangeirismos nos mídias moçambicanos, observemos a seguir, alguns exemplos recolhidos nas cartas de opinião, do jornal “Notícias” em 2010 e 2011:

...modista ou estilista e muito menos uma “expert” nesta matéria, por isso... (6/4/2010)

...se a partir daí uma Renamo com um novo look (aparentemente), caracterizado por discursos altamente...(25/4/2010)

...desagrado com os meus compatriotas, aos pronunciamentos do mister Artur Semedo que, quanto a mim...(25/4/2010)

... a imprensa como um instrumento de marketing como se cura fosse...(29/6/2011)

...Sisulu na África do Sul, outra combatente contra o “apartheid”...(29/6/2011)

...nomeadamente Issa Hayatou, boss da CAF e vice da FIFA, recebeu 100 mil francos franceses em 1995, Ricardo Teixeira, presidente da CBF...(24/6/2011)

...prática de encurtamento de rotas é frequentemente desenvolvida pelos transportadores de 15 lugares, vulgo “ten years” que, movidos... (3/1/2011)

...águas turvas que, quanto a mim, é um grande habitat de mosquitos causador da malária, devido a uma mistura...(14/10/2010)

...ocupam as bermas da Estrada Nacional nº 1, na zona do “Drive-In”, não foi por falta de aviso e a indisciplina é tudo quanto... (18/10/2010)

...no interior do banco ou o sistema on-line do Barclays é deficiente... (14/9/2010)

... numa mina na África do sul, para ver “in loco” como compatriotas seus trabalham ou morrem naquele país...(5/7/2010)

... quando se entra no comboio, no machimbombo, no chapa fala-se da mesma coisa, que é o medo de as pessoas se encontrarem com os “ninjas”...(14/5/2010)

...tenha depositado esse dinheiro à prazo para servir-lhe de background...(13/1/2011)

... regional do poder do regime do “apartheid”, que, graças às

mudanças...(11/4/2011)

*... de prova as constantes subidas no “**ranking**” sobre o respeito aos ...*(7/3/2011)

*... por força do cenário de guerra civil (atendendo a género do movimento beligerante e o **modus operandis** dos mesmos nas suas incursões bélicas)...* (7/3/2011)

*... imediatos sem que antes resolvamos o eterno **deficit** de qualidade dos executores das nossas selecções nacionais ...*(31/03/2011)

3.1.2 Os estrangeirismos vindos de changana

*...e velocípedes (bicicletas e motorizadas), incluindo claro os **txovaxitaduma**, provocam, não poucas...* (10/4/2010)

*...no fim regressam às casas seguindo o mesmo ritual. A esteira, o **xiphefo** e o fósforo. Estão no mesmo local e depois...*(11/1/2011)

*...outros ainda optam por circular com **tchova** contendo banana, tomate, cebola, pimento e maçã de modo que o consumidor ...*(12/07/2010)

*...para não serem presos pelo homem branco para o **xibalo**, considerando-os vadios que passeiam...*(28/3/2011)

*...musa de msiro na cara e **mulala** nos lábios, cuja beleza outra igual...* (30/5/2011)

*...ou menos isto que te queria dirigir com o meu **axifeni** (parabéns) que tanto mereces! Que o todo poderoso Deus...*(16/7/2011)

*...católico, para dizer que o teu dom ultrapassa o catolicismo e o protestantismo. Valoriza-o. Até conheço **maziones** que te admiram e...*(16/7/2011)

*...da qualidade da nossa discussão política, intelectual e académica sobre a arte de governar um povo **massinguita**...*(26/7/2011)

*...por volta das 23 horas, eis que uma voz veio do fundo da mesa ao lado dizendo Cuidado com os **nhamakakatas**. Tomei o susto e...*(1/6/2011)

*...nacional de futebol, os **Mambas**, Mart Noij desmentiu publicamente que tenha prometido, em contrato assinado, qualificar a equipa de todos...*(15/6/2011)

Os exemplos que acabamos de apresentar demonstram a inserção dos estrangeirismos nos *mass medias* moçambicanos. Este fenómeno não acontece nas “cartas de opinião”. Muitos jornalistas estão cientes deste fenómeno linguístico e é por isso que sempre colocam essas palavras entre aspas. As palavras destacadas em 3.1.1 e 3.1.2 provêm de estrangeirismos e empréstimos vindos do inglês e do xichangana. Nas cartas encontramos estrangeirismos vindos de várias línguas, mas

centralizamos nossa pesquisa naqueles que vêm do inglês e do xichangana. As palavras “mambas” e “maziones” são empréstimos. Ocorreu a transformação das palavras *mamba*⁹ (plural **timamba**) e *muzione*¹⁰ (plural **mazione**). Para adaptação na língua portuguesa aplicou-se o singular (*mamba*), acrescentando o morfe **-s** que é a marca de plural para muitos substantivos em português.

A segunda palavra, **mazione**, é plural e assim se transformou para português tendo sido acrescida a marca do plural **-s**, característica de muitos substantivos na língua portuguesa. Este comportamento é frequente na passagem de estrangeirismos para empréstimos no português moçambicano.

- a) O meu pai levou **malassas**.
- b) Os **timbilas** tocam demais.
- c) Ontem vimos **palapalas** na floresta.
- d) Esses **tchovas** impedem a passagem.

Os estrangeirismos vindos de inglês, também são sujeitos às regras do português. Mas em muitos casos há dificuldades na transformação para plural. Vejamos os casos de:

ten-years é “um combatente de luta armada de libertação nacional”. Mas também é “uma espécie de rato muito pequeno, difícil de ser eliminado e que se reproduz com muita facilidade.” (DIAS, 2002, p. 223). Esta palavra se mantém intacta e não tem alteração no singular e no plural. Concluimos que esta palavra se mantém estrangeirismo.

teacher, por exemplo, não é transformada para o plural.

Exemplo: *O meu **teacher** na veio.* Plural: *Os meus **teacher** não vieram.*

slow *dança de ritmo suave, executada aos pares abraçados, ao som de música romântica,* (DIAS, 2002, p.216).

Exemplo: *O **slow** é a minha música preferida.* Plural: *Os **slow** são nos animam.*

Off: *cansado, estafado, saturado* (DIAS, 2002, p.188).

Exemplo: *Hoje estou **off**.* Plural: *Hoje estamos **off**.*

⁹ Cobra muito venenosa que ocorre em África, que tem a capacidade de imitar sons de animais tais como: galinha, cabrito.

¹⁰ Indivíduo que professa a religião zione.

Concluimos que as palavras oriundas das línguas bantu facilmente se transformam para plural enquanto as que provêm do inglês se mantêm. Estes fenômenos ocorrem na fala dos dois sexos. A formação acadêmica e a experiência profissional fazem com que cada falante tenha seus léxicos específicos. Os estrangeirismos *teacher*, *slow*, *off* ocorrem em percentagem maior nos jovens enquanto que *ten-years* ocorreu mais em pessoas ligadas à política.

4 Considerações finais

Os estrangeirismos e empréstimos são fenômenos linguísticos. Moçambique sendo um país multilíngue não pode estar isento aos contatos linguísticos. São estrangeirismos vindos das línguas bantu e também de línguas europeias. Os estrangeirismos variam de um lugar para o outro. Os contextos sociais, os interesses culturais fazem com haja variações. Em Moçambique, nunca falamos português tal como se fala em Lisboa. O Brasil, por sua vez, nunca falou português tal como se fala em Angola e por aí em diante. A língua é a mesma mas os contextos sociais e culturais fazem com que haja esta diversidade linguística.

Neste trabalho procuramos mostrar os conceitos de estrangeirismos e empréstimos na nossa visão e tentamos enquadrá-los no contexto do português moçambicano. O português moçambicano é uma realidade linguística. Pesquisas feitas na área de variação linguística e mudança demonstraram que as mudanças nunca param desde que haja falantes.

As línguas bantu no território moçambicano nunca tiveram estatuto de língua oficial, mesmo sendo língua materna para 94% da população. Sempre foram abnegadas pela política linguística para contextos de comunicação informal, mas elas se manifestam na língua portuguesa através do processo de empréstimos e estrangeirismos. O fenômeno de mudanças através de estrangeirismos é ditado pela convivência entre pessoas de diferentes culturas, pessoas de diferentes nações, falantes de diferentes línguas no mesmo espaço geográfico. O Português de Moçambique é originado pela convivência do português com as mais de vinte línguas africanas espalhadas pelo país; mistura de culturas; interação entre os moçambicanos entre si e com os povos de outros países que fazem fronteira com o país.

O avanço tecnológico através da *internet* tem dado maior espaço para que haja interação entre pessoas. A língua inglesa parece ganhar mais espaço na arena mundial. As línguas mudam e sempre mudarão. As palavras estrangeiras podem mudar ortograficamente, outras vão se manter mas mudando a sua fonética, o importante é que tenhamos a língua como um instrumento de comunicação e de livre expressão. Para terminar, gostaríamos de tranquilizar a todos os que pensam que a língua se deteriora com empréstimos e estrangeirismos, dizendo o seguinte:

Não há dúvida de que a língua de civilização que nos serve é o português. Além do mais, ela não está nem um pouco em perigo de perder essa posição privilegiada: apesar do que se fala dos progressos do inglês em certas áreas, o português continua firme como o veículo de todos os aspectos da cultura brasileira. (PERINI, 2003, p. 33)

Sublinhamos também que a língua portuguesa é uma só. Mas ela tem variações de todo tipo e em diferentes lugares onde ocorre. Os estrangeirismos e os empréstimos sempre ocorrem e participam na formação do português contemporâneo. Estes fenômenos não perigam em nada a língua portuguesa, mas apenas particularizam as peculiaridades geográficas do português. Os estrangeirismos no Brasil, em Angola, na Guiné-Bissau e em outros lugares da lusofonia não são iguais. Do latim *omnibus* surgiram as palavras: ônibus, machimbombo, autocarro, toca-toca, otoparro, autobus, auto-ônibus e microlete formas diferentes para designar o mesmo referente na lusofonia.

Os estrangeirismos e os empréstimos estão presentes não só na *mass media*, mas também na comunicação cotidiana, na música, na gastronomia, nos ritos e outras cerimônias tradicionais até no esporte, concretamente no futebol. Ninguém mais hesita, nem questiona as palavras *show*, *pendrive*, *shorte*, *hot dog*, *sandwich*, *abajur*, *ateliê*, *esporte*, *macarão*, *metrô*, *rali*, *sutiã*, *tênis* e muitas outras quanto a sua origem. Elas já são da língua portuguesa falada no Brasil. Os vários exemplos apresentados ao longo do trabalho ilustram os estrangeirismos e empréstimos do português falado em Moçambique.

Referências

APPEL, R.; MUYSKEN, P. *Bilinguismo y Contacto de Lenguas*. Barcelona: Ariel Linguística, 1996.

BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. in FIORIN, J. L.; PETTER, M. (ors). *África no Brasil: A formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2004.

DIAS, H. N. Os empréstimos lexicais das línguas bantu no português. in: *Actas do Simpósio Nacional sobre língua portuguesa em África*. Santarém: Escola Superior de Santarém, 1991.

_____. *Minidicionário de moçambicanismos*. Maputo: Imprensa Universitária, 2002.

_____. A norma padrão e as mudanças linguísticas na língua portuguesa nos meios de comunicação de massas em Moçambique. In DIAS, H. N. (org). *Português moçambicano: Estudos e reflexões*. Maputo: imprensa universitária, 2009.

_____. *Português moçambicano: Estudos e reflexões*. Maputo: Imprensa Universitária, 2009b.

FREITAS, T.; RAMILO, M. C.; SOALHEIRO, E. O processo de interação dos estrangeirismos no português europeu. In MATEUS, M. H. M.; NASCIMENTO do, F. B. (orgs). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Caminho, 2005.

GARCEZ, P.; ZILLES, A. M. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In FARACO, C. A. (Org). *Estrangeirismos: Guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

GONÇALVES, C. A. F.; FERREIRA, D. C.; CUNHA, J. M. De J. et al. *O uso do estrangeirismo na língua portuguesa*. Lisboa: Revela, 2011.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Recenseamento Geral da População e Habitação*. Maputo: INE, 2007.

JORNAL NOTÍCIAS. Opinião. Janela (In) discreta: Da blogue linguagem à neobritanização da sociedade. Disponível em :
<<http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/getxml/pt/contentx/1170815/20110127>>.
Acesso em: 14 maio 2011.

MOÇAMBIQUE. Constituição (2004). *Constituição da República de Moçambique*. Maputo: Assembleia da República, 2004.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In MOLLICA, M. C. ; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

NEVES, M. H. M. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. São Paulo: UNESP, 2003.

PERINI, M. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola, 2004.

Portal da Língua Portuguesa. Dicionário de estrangeirismos. Disponível em:
<<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=estrangeirismos&act=list>>. Acesso em:
14 maio 2011.

POSSENTI, S. A questão dos estrangeirismos. In: FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos: Guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2002.

PROJETO DE LEI Nº 1676 de 1999. Dispõe sobre a proibição de uso de estrangeirismos no português do Brasil.

RAJAGOPALAN, K. Línguas nacionais como bandeiras patrióticas, ou a linguística que nos deixou na mão: observando mais de perto o chauvinismo linguístico emergente no Brasil. in SILVA da, F. L.; RAJAGOPALAN, K. (Org.). *A linguística que nos faz falhar: Investigação crítica*. São Paulo: Parábola, 2004.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 1995.

SEQUEIRA, F.J. M. *Rol de estrangeirismos e respectivas correspondências em português de lei*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1962.

VILELA, M. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

_____. *Ensino da língua portuguesa: Léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.

WIKIPÉDIA. Chauvinismo. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Chauvinismo>>. Acesso em: 13 jul. 2011.

Recebido em 29 de julho de 2011.

Aceito em 22 de junho de 2012.

ALEXANDRE ANTÓNIO TIMBANE

Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras-(UNESP – Araraquara). E-mail: alextimbana@gmail.com.